

Raya Angel Zonana*

Eppur si muove

A metafísica do corpo se entremostrana nas imagens. A alma do corpo modula em cada fragmento sua música de esferas e de essências além da simples carne e simples unhas. Em cada silêncio do corpo identifica-se a linha do sentido universal que à forma breve e transitiva imprime a solene marca dos deuses e do sonho.

Carlos Drummond de Andrade

A apresentação do **Dossiê** deste número, *Corpo*, já se iniciou no número anterior, *Margens*, no qual caminhamos pelas bordas do corpo, em sua superfície, estimulando os sentidos através de odores e sabores, toques, sons, imagens ora vertiginosas, ora sutis. Despertos os sentidos, o corpo se movimenta, se expressa. Os movimentos simples da vida cotidiana, aos olhos e nas mãos dos artistas, tornam-se linhas, traços, cores, cenas estéticas que nos produzem emoções e mantêm o fio da vida. No final do século XIX, no asilo La Salpêtrière, Charcot, na tentativa de elucidar o que era a histeria, fixa seu olhar estético no corpo de suas pacientes e, para melhor observá-las, entendê-las em seus modos e movimentos, “aprisiona-as” em fotografias. Cria um museu iconográfico da histeria. Imaginaria ele que assim pudesse apreender e decifrar o que se escondia entre as torções e estranhas posições dos corpos daquelas mulheres, que nas imagens fotográficas se assemelhavam a esculturas? Diríamos que, com as fotografias, Char-

cot pôde ter o corpo histérico em suas mãos em toda a sua teatralidade. Quase uma arte. Dessa experiência da qual Freud em determinado momento participou, para o corpo da psicanálise, qual foi o caminho?

Retorno ao início da história. O corpo da histérica e o ato inaugural da psicanálise: dar voz a esse corpo.

“Além disso, as pernas dolorosas passaram a ‘participar da conversa’ sempre” (Freud 1893/2016, p. 213).

Muito antes de ter sido atraído pela conversação que lhe propunha o dolorido corpo de Elizabeth von R –corpo que contava histórias passadas das quais a própria Elizabeth não se recordava–, a atenção de Freud também, como aconteceu com Charcot, havia sido tomada pelos corpos das doentes de La Salpêtrière, em movimentos estranhos, erotizados, que traçavam no ar um balé um pouco sinistro.

Assim começava a psicanálise, com poucas palavras e violentos movimentos corporais

que escandalizavam a sociedade vitoriana, dando visibilidade a um corpo proibido: o corpo erótico, sexualizado, que expressava despididamente sua dor e seu gozo na histeria. Encontrar nesses movimentos aparentemente incompreensíveis uma narrativa com valor de uma história própria, dar a eles um significado, é o que os psicanalistas, desde Freud, buscam em seu trabalho, dia após dia.

Do corpo anatômico, a vida nasce em outra forma –simbólica– traçada nas falas e nos gestos que nesse corpo a cultura borda e que o marcam. Marcas imemoriais que aguardam para transportarem em novas costuras uma história a um novo corpo. A vida não pára, mas em algum momento a vida pára. Tomo de empréstimo uma ideia do âmbito jurídico da idade média, de Kantorovich (1998), que, em *Os dois corpos do rei*, fala do corpo político imortal do Rei, e de um rei em seu corpo humano, sujeito, como todos os humanos, à finitude. Assim podemos pensar que, se existe uma morte do corpo anatômico, o corpo simbólico transmite, através da história, a humanidade que nele carrega tatuada.

Com que corpo “conversamos” em psicanálise? Nessa rede, entre o anatômico, o simbólico e o erógeno, o Corpo se expressa em memória e símbolo. Cada história humana singular se faz a partir das mesmas reminiscências das quais sofriam as históricas de Freud, histórias que pulsam sob a pele e escapam por brechas/palavras. São essas mesmas reminiscências que cada um encena à sua maneira, a matéria que trama a vida.

Paradoxalmente, manter a vida é uma das razões pelas quais se cultuam os mortos e se enterram seus corpos como parte do legado cultural que sustenta o humano, sua história. Na Grécia Antiga, o corpo insepulto, ao qual não se tivessem prestado os rituais fúnebres, condenaria o morto a vagar cem anos às margens do rio Lethes –rio do esquecimento que levava ao mundo dos mortos– sem fazer a travessia. Mas os vivos que alimentavam laços com esses seres vagantes também não faziam a travessia de sua dor, mantinham-se no limbo da melancolia. Quando não se tinha o corpo do ente querido morto, erguia-se uma pedra enterrada no solo, o *kolossós*, que assim permi-

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

tia estabelecer contato entre os vivos –luz do dia e sons– e os mortos –escuridão e silêncio. Dessa forma, o corpo invisível se manifestava através de uma presença insólita e ambígua que era também o sinal de sua ausência, marca de uma memória criada em pedra, marca de uma história sem narrador.

Seríamos nós, psicanalistas, narradores? Aqueles que, na ausência de narrativa nos corpos dos que nos procuram, almejaríamos construir *kolossós*, elos entre o corpo silencioso, imóvel, e a palavra?

Leonardo Padura (2016), escritor cubano, em artigo recente no jornal *Folha de São Paulo*, nota uma delicada questão em relação a Cuba. É um país, diz ele, cuja memória é partida, perdida. A fratura teria acontecido após 1959, quando da revolução na qual Castro toma o poder. Os cubanos que saíram do país, e os que lá ficaram, passam a ter memórias diferentes. Os primeiros desconhecem o presente do país, e os cubanos que se mantiveram na ilha desconhecem a história dos compatriotas que a fizeram fora de suas fronteiras. A desmemória, essa memória alterada, não ocorre somente em Cuba, mas em cada país, com cada povo, ou com cada indivíduo que tenha vivido situações de ruptura sem registro simbólico, aconteceres não representados. Diferentemente do trauma, que passa a ser corpo estranho mantido como “um corpo à parte”, e cria um “corpo que sofre com reminiscências”, nesse caso, as dores não se ligam às lembranças, já que lembranças não há. Não há história nem narrador. É preciso criar uma história que signifique o corpo, que lhe dê uma identidade e pertencimento. Com esses corpos, o psicanalista conversa através de histórias não faladas, mas inscritas em espaços subterrâneos, legados transgeracionais, e que muitas vezes se colam no corpo das cidades e de seus habitantes, como vemos em muitas cidades da América Latina. A identidade, categoria móvel à qual se acrescentam sempre outros elementos que a reconstituem, é corpo em movimento. Países, assim como indivíduos, vivem cisões, transformações, situações de conflito e tensões que constantemente os modificam. É o que escreve Cristian Nanzer, arquiteto e urbanista, em “Notas sobre o corpo da cidade”, texto deste **Dossiê**.

A compreensão da dimensão histórica da cidade dá pautas e diretrizes para a explicação dos fenômenos contemporâneos, possibilita a leitura de processos e de rupturas, de repetições e singularidades, de mutações e permanências.

Da memória alterada da qual fala Padura, não é possível sair sem cicatrizes, visíveis ou não, mas sempre intensas. Esse tema, a partir de um outro olhar, é pensado neste **Dossiê** pelo sociólogo David Le Breton, que o retoma ao falar do transplante de rosto. Não se trata de um órgão invisível para o sujeito ou para quem o olha. Trata-se exatamente do “espaço corporal” com o qual se olha e se é visto, no qual está encarnado o sentimento de identidade, onde o indivíduo se reconhece e é reconhecido. A alteridade instalada na própria face exige um necessário e fundamental trabalho de amálgama para que se produza a alquimia de integrar gestos e expressões que são de um outro, tornando-os próprios. David Le Breton expõe como partes do sujeito tornam-se abjetas para ele próprio. Há um rosto quase inexistente, desfeito, que se quer retirar e há um rosto que se deseja recuperar, no qual há um possível reconhecimento de uma humanidade que se sente perdida.

Quanto entregar de si mesmo, quanto aceitar da invasão de um outro em próteses, transplantadas, na tentativa de manter um corpo imperecível, um corpo no qual o tempo não deixe marcas indesejadas, é a maior aspiração humana, sempre perseguida, buscada e cantada em prosa e verso. Essa é a indagação que percorre o texto de Tarso Adoni, médico neurologista que a deixa como ponto de reflexão para o leitor.

É também o tema de um delicado artigo em que Freud (1916/2010) nos conta do poeta que, durante um passeio, no qual observa a beleza das flores na primavera, tristemente se queixa sobre a transitoriedade das coisas belas, todas mortais. Freud lhe propõe que note o movimento da natureza, o movimento dos corpos que renascem como outros, dentro da finitude que lhes está reservada.

Há um tempo de espera, há um “entre” que sugere uma gestação, um espaço no qual se elabora o que está por vir. Também em prosa poética, Iván Garcia, ator e cantor lírico, nos conta em seu texto “Poetizar o silêncio e a escuta no intérprete” sobre o corpo do ator/cantor no silêncio da espera. No vazio do “entre” que sem-

pre sugere uma aflição, uma angústia de criação de um movimento transformador que não se deixa ver, não se deixa ouvir, mas que já está naquele silêncio anterior. Um instante!

Orfeu, em um silêncio tremante, pavoroso, nefasto, experimenta o vazio e canta: ‘Ohimé!’ [Ai de mim!]. [...] Um silêncio prolongado que revelará e dará impulso ao lamento.

Vale notar como o silêncio prolongado equivaleria a uma forma vazia que impulsiona, cria espaço para a voz –presença marcante do corpo– e para o movimento. Assim também o gesto humano em seu movimento desenha e cria o espaço. O que está entre um passo e o seguinte é o corpo. Voltamos ao balé, ao movimento expressivo que constitui o dançar. E é em um texto que se move pela história do balé que Chaimovich, filósofo, curador do MAM/SP, nos introduz nos meandros da criação dessa arte, e de como foi instituída a dura disciplina que, mesmo no balé contemporâneo supostamente mais livre, mantém impassível e rígido o reprimido corpo da bailarina.

Entre o corpo treinado e rígido da bailarina que dança tocado pela música, e o corpo dolorido e ávido da histórica que dança sua história, encontro um caminho em uma frase da bailarina Inês Bogéa¹. Para ela, “dançar era preencher o espaço com a minha personalidade” (Federação Brasileira de Psicanálise, 2011, p. 15).

Seu desejo de lançar a perna o mais alto possível só teria significado se fosse algo expressivo, senão seria só um gesto.

Por meio da palavra que pôde dar significado ao que antes era só um gesto de angústia, ainda que pleno de gozo, Freud talvez tenha transformado algumas histerias em balé. Senão, vejamos como ele conclui o relato do caso de sua paciente Elizabeth von R, que sofria de abasia dolorosa:

Na primavera de 1894, ouvi dizer que ela compareceria a um baile particular para o qual eu poderia obter acesso, e não deixei escapar a oportunidade de ver minha antiga doente passando a voar numa dança célere (Freud, 1893/2016, p. 231).

É um corpo móvel, ágil e imortal o que se deseja, e talvez por isso, ao contarmos às crianças sobre a morte, para não assustá-las, ou para não nos assustarmos com a inevitabilidade de um fim, com o silêncio sem movimento que imaginamos encontrar do outro lado do rio Lethes, dizemos que o ente querido não morreu, tornou-se uma estrela que se manterá no céu, iluminada e iluminando, sempre seguindo com sua luz aos que deixou no mundo dos vivos.

Transformamos o corpo humano em corpo celeste para que sobreviva, para que como Galileu Galilei, possamos murmurar: “*Eppur si muove*”².

Referências

- Drummond de Andrade, C. (2015). A metafísica do corpo. In C. Drummond de Andrade, *Corpo*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1984).
- Federação Brasileira de Psicanálise (2011). Entrevista: Inês Bogéa. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(4), 15-24.
- Freud, S. (2010). A transitoriedade. In J. Strachey (ed.), *Obras completas* (vol. 12, pp. 247-252). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (2016). Casos clínicos: (5) Fräulein Elizabeth Von R. In J. Strachey (ed.), *Obras completas* (vol. 2, pp. 194-260). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893).
- Kantorovich, E. (1998). *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Padura, L. (2016). Memória partida, memórias perdidas. *Folha de São Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/leonardopadura/2016/07/1787736-memoria-partida-memorias-perdidas.shtml?cmpid=opinassinanteuol>

1. Diretora da São Paulo Companhia de Dança, doutora em Artes (Unicamp), foi bailarina do *Grupo Corpo* (Belo Horizonte).

2. *Eppur si muove* (e, no entanto, ela se move) é a frase atribuída a Galileu Galilei (1564-1642), que a teria murmurado após rejeitar publicamente, diante de um tribunal da Inquisição em Roma, em 1633, a sua condenação de que a Terra gira em torno do Sol.